Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

REPRESENTATIVIDADE DO BRICS E FUTURO DA ECONOMIA MUNDIAL: DESAFIOS PARA A CONVERSIBILIDADE DE UMA MOEDA PRÓPRIA

BRICS REPRESENTATIVITY AND THE FUTURE OF THE GLOBAL ECONOMY: CHALLENGES TO THE CONVERSIBILITY OF A NATIVE CURRENCY

Guilherme Perez de Paula, José Guilherme Santana Rodrigues de Almeida, Murilo Enzo Alves, Pedro Motta Cappra, Francisco Américo Cassano

Universidade Santa Cecília, Faculdade de Relações Internacionais, Curso de Relações Internacionais
E-mail para contato: contato.muriloenzo@gmail.com

RESUMO – O estudo analisa a viabilidade de conversibilidade da provável moeda do BRICS, com base em pesquisa de abordagem qualitativa apoiada por revisão bibliográfica e análise documental de dados secundários. Os resultados indicam que, embora o BRICS apresente um peso econômico expressivo, há severas assimetrias internas. Evidenciou-se que os países membros compartilham forte correlação positiva diante de choques externos, mas demonstram baixa ou nula convergência perante choques domésticos de oferta, demanda e política monetária, além de disparidades inflacionárias e centralização produtiva na China. Conclui-se que o dólar norte-americano mantém sua centralidade global devido à profundidade dos mercados financeiros e que a criação de uma moeda única para o BRICS não é viável no curto prazo.

Palavras-chave: BRICS; Economia Mundial; Papel da Moeda; Moeda Própria; Conversibilidade.

ABSTRACT – This study analyzes the convertibility of a potential BRICS currency through qualitative research, literature review, and secondary data analysis. Results show that despite the bloc's economic weight, severe internal asymmetries exist. Member countries correlate positively under external shocks, but show low or no convergence regarding domestic supply, demand, and monetary policy shocks. Additionally, there are inflationary disparities and a high concentration of production in China. The study concludes that the US dollar maintains its global centrality due to deep financial markets, making the creation of a single BRICS currency unfeasible in the short term.

Keywords: BRICS; World Economy; Role of Currency; Own Currency; Convertibility.

ISSN 2317-1316

1 INTRODUÇÃO

O início do século XXI é marcado por uma reorganização estrutural no centro da economia mundial, deslocando o foco de crescimento dos países mais desenvolvidos (G7) rumo às economias emergentes, com destaque para o continente asiático. Nesse cenário de transição e sucessivas crises globais — como a crise financeira de 2008 e a pandemia de COVID-19 —, o bloco BRICS (composto originalmente por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, e recentemente expandido) surgiu como um polo produtivo e financeiro de relevância estratégica, registrando ritmos de expansão superiores aos das economias tradicionais.

A atuação do bloco supera a simples classificação estatística, configurando-se como uma plataforma de coordenação política que busca reformar as estruturas de governança global e ampliar a influência de potências não ocidentais sem, contudo, destruir a ordem internacional vigente. Um reflexo dessa estratégia de construção institucional alternativa é a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB). Mais recentemente, o debate avançou em direção à busca por maior autonomia financeira, levantando questionamentos sobre a viabilidade de mecanismos monetários próprios que diminuam a dependência global em relação ao dólar norte-americano (US$).

Frente a esse cenário, definiu-se o seguinte problema de pesquisa: Qual a representatividade da moeda do BRICS para a Economia Mundial? Para responder a essa questão, este estudo tem como objetivo geral avaliar a possibilidade de a provável moeda do BRICS se tornar conversível. Para tanto, a pesquisa estrutura-se em duas dimensões analíticas centrais: a Representatividade do BRICS no Século XXI (eixo estruturante) e o Futuro da Economia Mundial (eixo reflexivo), subdividido entre o Papel da Moeda na Economia Mundial e o Panorama da Economia Mundial no Século XXI.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo baseou-se no método qualitativo, operacionalizado por meio da técnica de revisão bibliográfica e complementado pela análise documental de dados secundários emitidos por instituições financeiras internacionais. Essa abordagem permitiu analisar a viabilidade de conversibilidade de uma provável moeda do BRICS.

ISSN 2317-1316

A fim de responder ao problema de pesquisa – Qual a representatividade da moeda do BRICS para a Economia Mundial? – e atingir o objetivo geral – Avaliar a possibilidade de a provável moeda do BRICS se tornar conversível –, o estudo estruturou-se em duas dimensões analíticas centrais: a Representatividade do BRICS no Século XXI (eixo estruturante) e o Futuro da Economia Mundial (eixo reflexivo), este último subdividido entre o Papel da Moeda na Economia Mundial e o Panorama da Economia Mundial no Século XXI.

2.1 Representatividade do BRICS no Século XXI

Um dos principais argumentos presentes na literatura sobre o tema é que as potências emergentes não necessariamente pretendem destruir a ordem internacional existente, em grande medida, buscam aumentar sua influência dentro dela.

Segundo Kahler (2013), o problema identificado por esses países está menos nas regras multilaterais em si do que na distribuição desigual de poder e nos privilégios associados à administração histórica dessas instituições.

Para Stuenkel (2014), a representatividade dos BRICS não se explicava apenas pelo tamanho de suas economias. O agrupamento de países surgiu a partir do conceito de BRIC associado às economias emergentes, mas a realização das primeiras cúpulas transformou essa classificação em uma plataforma de coordenação política. A partir daí, Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul passaram a utilizar o agrupamento para ampliar seu reconhecimento, sua capacidade de negociação e sua participação na governança internacional.

Montenegro e Mesquita (2017), consideraram que esse processo revelou uma característica central: os BRICS não precisavam constituir um bloco homogêneo para serem representativos, sua importância estava também na capacidade de reunir potências não ocidentais que possuíssem recursos econômicos, políticos e estratégicos, além de interesses comuns em torno de desenvolvimento, multipolaridade e maior participação nas instituições internacionais.

Anteriormente, Kahler (2013) já havia afirmado que a estratégia dos BRICS poderia ser entendida como uma combinação de participação, reforma e construção institucional. O grupo atua nas estruturas existentes, mas também cria mecanismos próprios. Essa estratégia evitaria o dilema entre simplesmente aceitar a ordem vigente ou rejeitá-la por completo: novas

ISSN 2317-1316

instituições poderão ampliar a margem de manobra dos países emergentes sem exigir o abandono do sistema multilateral.

Um exemplo dessa estratégia abordada por Kahler (2013) é o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), criado para demonstrar a capacidade de institucionalização e oferecer um circuito alternativo de financiamento ao desenvolvimento. Entretanto, isso não significa que os BRICS já possuam poder estrutural suficiente para mudar as regras fundamentais da governança global.

Para confirmar essa abordagem de Kahler (2013), Duggan, Ladines Azalia e Rewizorski (2022) argumentaram que o NDB amplia as opções disponíveis aos BRICS, mas permanece integrado a estruturas e práticas do sistema financeiro internacional. Assim, há redistribuição de poder sem necessariamente haver uma substituição das regras do jogo.

2.2 Futuro da Economia Mundial

Como eixo reflexivo do estudo, o item Futuro da Economia Mundial apresenta duas dimensões complementares: primeiramente, baseia-se em uma revisão teórica sobre o papel da moeda na economia global; em seguida, avança para a análise do comportamento macroeconômico no século XXI, com a finalidade de fornecer subsídios teóricos e empíricos para a projeção de cenários sobre o seu futuro.

2.2.1 Papel da Moeda na Economia Mundial

De acordo com Gopinath et al. (2020), um dos indicadores mais importantes da função de uma moeda é a liquidez global, que o Banco de Compensações Internacionais – BIS (como é mais comente conhecido, na sigla em inglês) utiliza para acompanhar o crédito concedido a tomadores não bancários, incluindo empréstimos bancários e financiamentos obtidos por meio da emissão de títulos internacionais. O indicador concentra-se principalmente no crédito denominado em dólar norte-americano – US$, euro e iene concedido a agentes localizados fora das respectivas áreas monetárias. Isso demonstra que a importância de uma moeda internacional não depende somente da quantidade de notas ou moedas físicas em circulação, mas também de sua utilização para denominar dívidas, contratos, empréstimos e ativos financeiros internacionais.

ISSN 2317-1316

Para McGuire et al. (2024), a moeda exerce uma função central no funcionamento da economia mundial, não apenas como meio de pagamento, mas também como unidade de conta, reserva de valor e instrumento de financiamento internacional.

Ainda segundo McGuire et al. (2024), em uma economia cada vez mais integrada, a moeda utilizada nas transações internacionais influencia o comércio, os fluxos de capitais, o crédito e a capacidade dos países de responder a choques econômicos.

Além desses autores citados, convém se observar a teoria da Área Monetária Ótima de Mundell (1961), mesmo em outra época, mas ainda atual, que estabeleceu a realidade de uma união monetária funcionar melhor quando seus integrantes apresentarem respostas semelhantes aos choques econômicos. Se um choque afeta todos os países de maneira semelhante, uma política monetária comum tende a ser mais adequada.

No entanto, ainda conforme Mundell (1961), quando os países sofrem choques assimétricos, uma mesma política monetária pode beneficiar um país e prejudicar outro, principalmente porque a adoção de uma moeda comum elimina a possibilidade de utilizar a taxa de câmbio própria como instrumento de ajuste.

2.2.2 Panorama da Economia Mundial no Século XXI

A partir do início do século XXI, a economia mundial passou por uma reorganização estrutural em seu centro de gravidade, deslocando a dinâmica de crescimento das potências ocidentais tradicionais rumo às economias emergentes e ao continente asiático (ARRIGHI, 2008).

Nesse cenário, marcado por instabilidades consecutivas — como a crise financeira global de 2008, os impactos socioeconômicos da pandemia de COVID-19 e as recentes pressões inflacionárias e geopolíticas —, o bloco BRICS emergiu como um polo produtivo e financeiro de relevância estratégica, apresentando ritmos de expansão superiores aos das economias do G7 (STUENKEL, 2014).

Conforme sintetizado na literatura sobre relações internacionais e economia política contemporânea, o século XXI é demarcado pelo deslocamento do eixo produtivo e financeiro global em direção aos países emergentes, com o BRICS consolidando-se frente às sucessivas crises das economias do G7 (BATISTA JR., 2019).

ISSN 2317-1316

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre a representatividade do BRICS no século XXI, Panova (2015) argumentou que a participação russa acrescentou ao BRICS uma dimensão geopolítica particularmente importante, identificando o agrupamento como relevante para a política externa de Moscou e para sua defesa de uma ordem internacional mais multipolar. A Rússia, dessa forma, contribuiu para o peso geopolítico do grupo e para sua atuação em instituições multilaterais, ainda que sua convergência regional nas votações da ONU fosse menor do que a observada no caso brasileiro, chinês e sul-africano.

A representatividade política também pode ser observada pela relação entre cada país dos BRICS e sua respectiva região, como Montenegro e Mesquita (2017) analisaram em votações da Assembleia Geral da ONU e encontraram diferenças importantes entre os cinco países, constatando que Brasil, China e África do Sul apresentaram níveis semelhantes e superiores aos de Índia e Rússia, indicando que a liderança regional dos BRICS seria desigual.

Quanto ao comércio internacional, os BRICS funcionam como espaço de coordenação entre grandes economias do Sul Global. Brasil, Índia e China, por exemplo, tiveram atuação relevante na governança comercial e nas negociações da Organização Mundial do Comércio. Nesse sentido, a representatividade do grupo não deriva apenas de seus indicadores econômicos individuais, mas da possibilidade de transformar recursos nacionais em capacidade coletiva de negociação e articulação (HOPEWELL, 2017).

No entanto, para Papa e Verma (2021), a principal limitação dos BRICS está justamente na diversidade de seus integrantes: diferenças políticas, econômicas e estratégicas dificultam posições completamente unificadas. A relação entre Índia e China é um exemplo importante desse problema, pois a rivalidade bilateral pode reduzir a coesão do agrupamento.

Dessa forma, os dados do BIS, do FMI e da SWIFT permitem compreender por que o US$ continua ocupando uma posição central na economia mundial: por ser utilizado simultaneamente em reservas internacionais, financiamento, crédito, títulos e pagamentos internacionais.

A predominância do US$ cria uma estrutura financeira internacional na qual muitas economias dependem direta ou indiretamente da moeda norte-americana. O crescimento do

ISSN 2317-1316

BRICS e a tentativa de ampliar o uso de moedas nacionais podem representar uma estratégia de diversificação monetária e redução da dependência do US$, mas isso não significa que uma moeda comum do bloco seja atualmente uma alternativa simples ou imediata.

O estudo analisado demonstra que os países apresentam respostas semelhantes a choques externos, o que constitui um fator favorável à integração, mas continuam existindo importantes assimetrias nos choques domésticos, monetários e de demanda. Portanto, o principal desafio para o BRICS não é apenas criar uma nova moeda, mas construir as condições econômicas e institucionais necessárias para que a mesma funcione.

Antes de uma moeda comum, uma estratégia mais viável seria aprofundar o comércio em moedas nacionais, ampliar mecanismos de compensação e financiamento próprios e fortalecer a coordenação das políticas monetária, cambial e fiscal. O próprio estudo recomenda maior integração e comunicação entre as políticas dos países para reduzir a assimetria dos choques ao longo do tempo.

Assim, o debate sobre a moeda na economia mundial está diretamente relacionado à disputa por autonomia financeira e poder econômico internacional: enquanto o US$ mantém uma posição dominante devido à profundidade dos mercados financeiros e à sua utilização global, o avanço de mecanismos monetários alternativos pode gradualmente tornar o sistema internacional mais diversificado, ainda que a substituição da centralidade do US$ permaneça em um processo de longo prazo.

Nesse contexto, o BIS constitui uma importante fonte de dados para se compreender a dimensão financeira internacional, pois suas estatísticas abrangem a atividade bancária internacional, os títulos de dívida e de crédito, a liquidez global, os derivativos, as taxas de câmbio e os pagamentos internacionais.

Estudo mais recente, como o de Naumenko e Li (2026), também destacou que a institucionalização dos BRICS avançou, mas permanece limitada e atravessada por disputas entre seus membros.

Os dados mais recentes reforçam a importância desse mecanismo: no primeiro trimestre de 2026, o estoque de crédito bancário transfronteiriço alcançou aproximadamente US$ 39,5 trilhões, enquanto os créditos bancários internacionais cresceram 11% em relação ao mesmo período do ano anterior. No mesmo período, o estoque de dívida em moeda estrangeira

ISSN 2317-1316

denominada em US$ para tomadores fora dos Estados Unidos chegou a aproximadamente US$ 14,7 trilhões. Tais indicadores demonstram por que a moeda utilizada no financiamento internacional possui influência sobre economias que sequer pertencem ao país emissor (BIS, 2026).

Nesse mesmo cenário, o US$ permanece como a principal moeda internacional, e uma das maneiras de se medir essa posição é observar sua participação nas reservas internacionais dos bancos centrais. Segundo a base de dados *Currency Composition of Official Foreign Exchange Reserves* (COFER), do Fundo Monetário Internacional (FMI), o US$ continua representando a maior parcela das reservas cambiais oficiais alocadas: no quarto trimestre de 2024, sua participação era de aproximadamente 57,80% das reservas alocadas. Em comparação, o renminbi chinês apresentava participação de 2,18% (FMI, 2024d).

Para a *Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication* – SWIFT, esse domínio do US$ também pode ser observado no sistema de pagamentos internacionais. A SWIFT publica mensalmente o *Global Currency Tracker*, que acompanha a utilização das diferentes moedas nos pagamentos internacionais realizados por meio de sua rede. A própria existência de uma série específica de acompanhamento do renminbi demonstra o interesse em se medir o avanço da moeda chinesa como moeda internacional. Entretanto, a posição do US$ permanece muito superior à do renminbi em diferentes dimensões do sistema financeiro internacional (SWIFT, 2026).

Essa predominância cria uma importante vantagem para os Estados Unidos: como grande parte do comércio, do financiamento internacional e das reservas é denominada em US$, alterações na política monetária norte-americana podem produzir efeitos sobre economias de todo o mundo.

Ao mesmo tempo, países que precisam realizar pagamentos ou tomar empréstimos em US$ ficam expostos às oscilações da moeda e às condições financeiras determinadas pelo *Federal Reserve Board* (FED), equivalente norte-americano a um banco central. Assim, a predominância do US$ não representa apenas uma preferência pelo uso de determinada moeda, mas também constitui um elemento da estrutura do sistema financeiro internacional.

ISSN 2317-1316

Foi nesse contexto que surgiu o debate sobre a utilização de moedas nacionais pelos países do BRICS e, em uma perspectiva mais ambiciosa, sobre a criação de uma moeda comum ou de mecanismos próprios de pagamentos.

Nach e Ncwaldi (2024) identificaram uma forte correlação positiva entre os países diante de choques externos, indicando que os integrantes apresentam respostas relativamente semelhantes a perturbações originadas na economia mundial. As correlações foram bastante elevadas, chegando a 0,9218 entre Brasil e Índia, 0,8790 entre Rússia e Brasil e 0,8293 entre Índia e Rússia.

Entretanto, a situação muda quando são analisados os choques domésticos de oferta, demanda e política monetária. Os resultados mostram baixa correlação ou ausência de correlação significativa entre a maioria dos países. Nos choques monetários, por exemplo, apenas algumas relações apresentaram correlação estatisticamente significativa, como Rússia–Brasil e Rússia–África do Sul. Já os choques de demanda não apresentaram evidências relevantes de correlação entre os países do grupo (NACH; NCWALDI, 2024).

Isso significa que existe uma contradição importante: o BRICS possui força suficiente para buscar maior autonomia no sistema monetário internacional, mas suas economias ainda não apresentam convergência suficiente para que uma moeda única seja uma solução simples. As próprias estruturas econômicas dos países são bastante diferentes, com diferentes padrões de produção, comércio, inflação e política monetária.

A decomposição da variância reforça essa observação. No caso do Brasil, por exemplo, os choques domésticos de oferta explicam aproximadamente 55,9% das variações do produto real, enquanto na Índia os choques externos e domésticos de oferta juntos respondem pela maior parte das variações. Já na Rússia, China e Brasil, os choques monetários possuem papel importante na explicação das oscilações da taxa de câmbio real (NACH; NCWALDI, 2024).

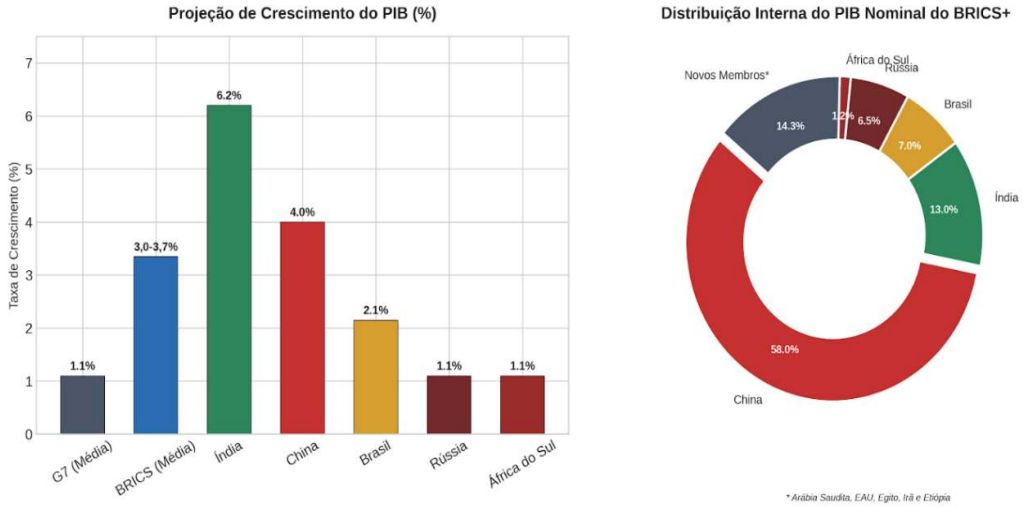
Os BRICS consolidaram-se como um polo de crescimento econômico que superou a média de crescimento dos países do G7. Pelo seu peso nominal, o bloco atingiu e cerca de US$ 33 trilhões, o que equivale a uma fatia de 27% a 30 % de todo o PIB Mundial com a China representando até 58% desse valor, Índia 13%, Rússia 6,5%, Brasil 7,0%, África do Sul 1,2%, sendo estes membros tradicionais do bloco representando de 82% a 85,7 % do PIB do

ISSN 2317-1316

bloco com o restante divido pelos demais membros sendo Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito, Irã e Etiópia (FMI, 2024a; 2024b; 2024c).

Com relação à Paridade de Poder de Compra (PPC), a soma do PIB do grupo sobe para o intervalo entre US$ 61 trilhões e US$ 63 trilhões, ultrapassando 40% a 41% da economia global (FMI, 2024a).

Figura 1: Gráfico Projeção e Distribuição do PIB



Fonte dos dados: FMI, 2024a, 2024b e 2024c. Gráfico gerado com IA Google Gemini.

No âmbito da dinâmica interna do BRICS, evidencia-se uma expressiva assimetria econômica, na qual a China exerceu uma liderança isolada ao concentrar cerca de 58% de toda a produção e renda geradas no agrupamento (FMI, 2024b).

Essa centralidade chinesa reflete a disparidade entre o seu volume de produção industrial/exportadora e o dos demais integrantes do bloco (BATISTA JR., 2019).

Quanto às dinâmicas de expansão do Produto Interno Bruto (PIB), observa-se uma assimetria relevante entre o crescimento médio projetado para as economias do G7 (cerca de 1,1%) e o ritmo do bloco emergente, estimado no intervalo entre 3,0% e 3,7%. A Índia desponta na liderança do grupo com taxas superiores a 6,2%, impulsionada por um perfil demográfico favorável e ganhos de produtividade. A China sustenta expansão próxima a 4,0%, direcionando capital para alta tecnologia e transição energética, embora enfrente

ISSN 2317-1316

desafios estruturais de longo prazo, como o declínio demográfico e a reconfiguração das cadeias globais de suprimento. O Brasil apresenta projeções moderadas, entre 1,9% e 2,4%, ancoradas no desempenho do agronegócio e do setor extrativo de recursos minerais e energéticos. Por fim, Rússia e África do Sul registram ritmos contidos (~1,1%), decorrentes de sanções econômicas internacionais no caso russo e de gargalos estruturais e instabilidades políticas no cenário sul-africano (FMI, 2024b).

No quesito inflação anual que reflete nos preços de consumo com a exceção da China e Índia que apresentam uma inflação de 0,1% e 2,4% ao ano, os membros do BRICS apresentam uma inflação acima da média Mundial de 3,0 % com a Rússia liderando com uma inflação de 8,7%, Brasil com 5,0% e África do Sul com 3,2 % (FMI, 2024c).

Ao se comparar o crescimento do PIB real dos BRICS em relação ao mundo e as economias desenvolvidas, o BRICS representa a economia de mercados emergentes e em desenvolvimento onde desde até o ano de 2025 esse crescimento dos mercados emergentes tem apresentado uma média de 3,9 % enquanto as economias desenvolvidas apresentam 1,8% e a média mundial 3,1% mostrando o potencial econômico dos países emergentes.

4 CONCLUSÃO

Este estudo permitiu avaliar de forma integrada a representatividade do BRICS e os limites estruturais para a conversibilidade de uma eventual moeda comum para o bloco. A análise dos dados empíricos do BIS, FMI e SWIFT demonstrou que a hegemonia do dólar norte-americano (US$) permanece firme, fundamentada em sua função de reserva de valor, de meio de pagamento e, principalmente, como principal denominação de ativos e dívidas internacionais (representando cerca de 57,80% das reservas cambiais globais alocadas).

Os resultados revelaram uma contradição central no bloco emergente: se por um lado o BRICS possui força macroeconômica coletiva expressiva — com taxas de crescimento projetadas entre 3,0% e 3,7%, muito acima da média do G7 —, por outro lado, carece da homogeneidade estrutural exigida pelo conceito de áreas ótimas. A forte correlação do bloco diante de choques externos atesta que os membros reagem de forma similar a pressões da economia global. Contudo, a baixa ou inexistente correlação estatística entre os choques domésticos de oferta, demanda e política monetária aponta que uma moeda única geraria assimetrias insustentáveis, penalizando economias com dinâmicas inflacionárias e produtivas

ISSN 2317-1316

tão diferentes. Ademais, a centralidade econômica da China, que detém 58% do PIB nominal do grupo, impõe um desafio de governança e equilíbrio interno de poder.

Assim, conclui-se que a substituição do dólar norte-americano por uma moeda do BRICS constitui um processo complexo de longo prazo e inviável no cenário atual. O alcance da autonomia financeira do bloco não deve focar, de imediato, na criação de uma moeda única emissora, mas sim no fortalecimento de estratégias graduais.

5 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Declaração de Uso de IA: Durante a elaboração deste trabalho, utilizaram-se as ferramentas Gemini, para gerar o gráfico com base nos dados do FMI; ChatGPT, para a busca por links e referências confiáveis, além da revisão textual, incluindo pontuação e concordância; e Grok, para a busca por links e referências confiáveis. O conteúdo gerado foi revisado, editado e validado pelos autores, que assumem total responsabilidade pelo texto final.

6 REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim**: origens e fundamentos do século XXI. São Paulo: Boitempo, 2008.

BANK FOR INTERNATIONAL SETTLEMENTS (BIS). BIS Data Portal. Basileia: BIS, 2026. Disponível em: https://data.bis.org/. Acesso em: 30 set. 2026.

BATISTA JR, Paulo Nogueira. O Brasil não cabe no quintal de ninguém: bastidores da vida de um economista brasileiro no FMI e nos BRICS e outros textos sobre nacionalismo e nosso complexo de vira-lata. São Paulo: LeYa, 2019.

DUGGAN, N.; LADINES AZALIA, J. C.; REWIZORSKI, M. The structural power of the BRICS (Brazil, Russia, India, China and South Africa) in multilateral development finance: a case study of the New Development Bank. International Political Science Review, v. 43, nº. 4, p. 495-511, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/355227370ThestructuralpoweroftheBRICSBrazilRussiaIndiaChinaandSouthAfricainmultilateraldevelopmentfinanceAcasestudyoftheNewDevelopment_Bank. Acesso em: 01/10/2026.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). World Economic Outlook Database. Washington, D.C.: IMF, 2024a. Disponível em: https://www.imf.org/en/Publications/WEO. Acesso em: 02/10/2026.

ISSN 2317-1316

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). World Economic Outlook Database: gross domestic product, current prices. Washington, D.C.: IMF, 2024b. Disponível em: https://www.imf.org/en/Publications/WEO. Acesso em: 02/10/2026.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). World Economic Outlook: steady growth amid diverging prospects. Washington, D.C.: IMF, 2024c. Disponível em: https://www.imf.org/en/Publications/WEO. Acesso em: 02/10/2026.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). Currency Composition of Official Foreign Exchange Reserves (COFER). Washington, D.C.: IMF, 2024d. Disponível em: https://data.imf.org/en/datasets/IMF.STA:COFER. Acesso em 30/09/2026.

GOPINATH G, BOZ E, CASAS C, DÍEZ FJ, GOURINCHAS PO, PLAGBORG-MØLLER M. Dominant Currency Paradigm. American Economic Review. 2020;110(3):677-719. Disponível em: https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/aer.20171201. Acesso em: 30/09/2026.

HOPEWELL, K. The BRICS — merely a fable? Emerging power alliances in global trade governance. **International Affairs**, v. 93, n. 6, p. 1377-1396, 2017. Disponível em: https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/images/ia/INTA93605_Hopewell.pdf. Acesso em 01/10/2026.

KAHLER, M. Rising powers and global governance: negotiating change in a resilient status quo. International Affairs, v. 89, n. 3, p. 711-729, 2013. Disponível em: https://academic.oup.com/ia/article/89/3/711/2326680. Acesso em: 01/10/2026.

MCGUIRE P, VON PETER G, ZHU S. International finance through the lens of BIS statistics: the global reach of currencies. BIS Quarterly Review. 2024:43-61. Disponível em: https://www.bis.org/publications/qr-202406/international-finance-through-lens-bis-statistics-global-reach-currencies. Acesso em 30/09/2026.

MONTENEGRO, Renan Holanda; MESQUITA, Rafael. Leaders or loners? How do the BRICS countries and their regions vote in the United Nations General Assembly? **Brazilian Political Science Review**, v. 11, n. 2, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bpsr/a/h7j48bLb6gY9bLn8Q7ndBTm/?lang=en. Acesso em 01/10/2026.

MUNDELL RA. A theory of optimum currency areas. The American Economic Review. 1961;51(4):657-665. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/1812792. Acesso em: 30/09/2026.

NACH, Marida; NCWADI, Ronney. Evaluating BRICS as an optimum currency area: insights from SVAR modeling. **Cogent Economics & Finance**, v. 12, nº. 1, artigo 2399321, 2024. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23322039.2024.2399321. Acesso em 10/10/2026.

ISSN 2317-1316

NAUMENKO, A.; Li, J. BRICS institutional evolution and the Russia-India-China triangle in shaping global governance. **Humanities and Social Sciences Communications**, v. 13, 2026. Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41599-026-08584-z. Acesso em 01/10/2026.

PAPA, M.; VERMA, R. Scenarios for BRICS evolution in light of the India-China conflict. **Global Policy**, v. 12, nº. 4, p. 539-544, 2021. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1758-5899.13010. Acesso em 01/10/2026.

PANOVA VV. Rússia nos BRICS: visão e interpretação prática. Semelhanças e diferenças. Coordenação dos BRICS dentro das estruturas de instituições multilaterais. Contexto Internacional. 2015;37(1). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277689366RussianosBRICSvisaoeinterpretacaopraticaSemelhancasediferencasCoordenacaodosBRICSdentrodasestruturasdeinstituicoes_multilaterais. Acesso em 01/10/2026.

SOCIETY FOR WORLDWIDE INTERBANK FINANCIAL TELECOMMUNICATION (SWIFT). Global Currency Tracker. 2026. Disponível em: https://www.swift.com/products/global-currency-tracker. Acesso em 30/09/2026.

STUENKEL, O. Emerging powers and status: the case of the first BRICs Summit. ***Asian Perspective***, v. 38, nº. 1, p. 89-109, 2014. Disponível em: https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/8b1ba142-3176-49b8-a8d2-66515ae978ef/content. Acesso em: 01/10/2026.